

## Perfil

# “EU NÃO SAÍ DO ARMÁRIO, EU CHUTEI A PORTA”

Por **Letícia Naísa**  
e **José Coutinho Júnior**

“**S**abe de onde vem a ideia de que os ares de Campinas deixam os homens afeminados?” O homem alto e forte, mas com um jeito delicado, dava uma gargalhada estridente antes de continuar sua explicação. “Acontece que Campinas era uma das cidades mais ricas do país, e os filhos dos aristocratas geralmente iam estudar na França, e voltavam de lá mais... delicados. Mas o engraçado é que tem muito mais homossexual em São Paulo do que em Campinas, disso eu tenho certeza!”

Luís Arruda tem 34 anos, mas somente aos 22 assumiu, de fato, que era homossexual. Sua infância foi marcada pela sensação de ser diferente, e de ser excluído por isso. “Me lembro bem que quando tinha seis anos, percebia que tinha atração por homens. Achava o motorista da van que me levava para a escola bonito, e quando fiz dez anos, tive a minha primeira experiência sexual com outro menino. Fizemos uma espécie de troca-troca. Infelizmente, meus colegas de classe ficaram sabendo disso e fui taxado de ‘bicha’ por todo meu período na escola”.

O colégio foi um pesadelo para Luís. Ele era alvo constante do preconceito de seus colegas por ser mais afeminado que os outros meninos. “A situação era tão ruim que os meninos não me deixavam participar dos esportes com eles, e eu sou uma pessoa que adora esportes. As garotas eram muito mais compreensivas, por isso me misturei com elas. Isso me marcou muito; só comecei a praticar esportes realmente quando tinha mais de 20 anos”. Os pais de Luís, que são “meio hippies, tem uma cabeça aberta para as coisas”, tentavam defender o filho, mas a resposta da coordenadora do colégio era que “quem está errado e tem de mudar é o filho de vocês”.

E Luís tentou mudar. Durante anos, lutou contra sua sexualidade e tentou ser o heterossexual que a sociedade exigia que ele fosse. Durante a adolescência, não teve nenhuma relação homoafetiva; pelo contrário, namorou diversas garotas. “Não é que eu achava ruim namorar mulheres, mas o que eu sentia por elas era um carinho muito grande, e não amor de fato. Acabei terminando meus namoros, pois não achava justo, nem comigo e nem com elas, estarmos juntos sem existir qualquer sentimento”.

Luís resolveu cursar a faculdade de Direito, não por achar a profissão interessante, mas sim por querer mostrar a todos que o colocaram para baixo durante tantos anos, que ele seria um profissional rico e de sucesso. Entrou na PUC de Campinas, e lá, deparou-se com um ambiente muito mais libertador do que presenciara na escola. “Lá, conheci pessoas legais, que me aceitaram, e fiz muitas amizades”. No último ano de faculdade, resolveu assumir para todos que era homossexual e come-

*Luís Arruda, membro da Frente Paulista contra a Homofobia, conta a sua história*



Anali Dupré

**As cores do arco-íris são a representação plástica do sonho libertário pela direito à diversidade sexual**

çou a namorar, pela primeira vez, outro homem. Por ter se assumido um pouco tarde, ele conta que tinha segurança e certeza do que estava fazendo e de quem realmente era. “Muitas pessoas na faculdade sabiam, outras desconfiavam, e outras ficaram chocadas e acharam esquisito, principalmente porque comecei a levar meu namorado comigo na faculdade. Eu não tenho irmãos e os meus pais aceitaram, para eles foi um pouco difícil no começo, principalmente para o meu pai. Mas hoje aceitam a minha decisão e apoiam a minha atuação política também. Eu brinco que eu não saí do armário, eu chutei a porta”. O primeiro namoro, no entanto, não durou muito, pois o namorado de Luís tinha diversos problemas relacionados a drogas que acabaram afastando os dois.

Luís se envolveu com a militância LGBTQT devido a um episódio de preconceito sofrido por ele, em 2002. Estava em um bar, com diversos amigos, e antes de ir embora, ele e um amigo

estavam na fila conversando, quando o amigo deu um beijo no rosto de Luís. O gerente do restaurante, ao ver o beijo, dirigiu-se até os dois e disse que “este bar é um local de família, nós não aceitamos aqui este tipo de promiscuidade”. Luís e seus amigos se indignaram com a posição do gerente e procuraram uma forma de protestar. Então, ele procurou ajuda para resolver o problema e alguns dias depois do ocorrido, com a ajuda da ONG Identidade, eles organizaram um beijaço no bar. “Foi engraçado, porque em um determinado momento, todo mundo parou e se beijou. E não eram só homossexuais, tinham casais héteros também, então foi um ‘beijaço do amor’”.

Além do protesto, Luís entrou com um processo contra o bar, valendo-se da lei Nº 10.948, que “Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e dá outras providências”, e no seu artigo Artigo 1º diz que “Será punida, nos

termos desta lei, toda manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra cidadão homossexual, bissexual ou transgênero”. O caso de Luís foi o primeiro a se valer desta lei para ganhar uma ação contra a discriminação.

Após o episódio, Luís começou a militar na ONG Identidade e ficou lá por 3 anos. A ONG foi criada em 1998, e era composta por pessoas indignadas com a violência e perseguição aos LGBTT em Campinas e no mundo. Realiza trabalhos de promoção da cidadania, direitos humanos, na luta pela diversidade sexual, e foi responsável pela criação da consciência política de Luís: “muito do que eu sei hoje sobre militância e sobre a opressão social das minorias, eu aprendi no Identidade”.

Luís acredita que ser militante da causa LGBTT é muito mais do que participar de uma entidade. “A militância se dá em todas as esferas da vida, principalmente na pessoal. É no momento que alguém pergunta sobre sua namorada, você corrigir a pessoa e dizer que ‘não, eu tenho um namorado’. Se assumir homossexual, sem nenhuma vergonha de mostrar isso para os outros é algo que faz parte da militância”. Quando morava em

Campinas, Luís teve mais um namorado. “Tive uma relação duradoura com outra pessoa, mas terminamos o namoro porque ele foi morar no Rio de Janeiro. Tentamos manter uma relação à distância, durou um ano mais ou menos, mas não deu certo”.

Depois de três anos de luta na ONG Identidade, Luís foi para Paris estudar francês. Ele estava desanimado com a causa, apesar de achá-la importante. A presença forte de partidos dentro do movimento, principalmente, acabava tirando o foco da luta LGBTT. Para ele, atuar em uma entidade que busca conceder direitos a uma minoria, ao mesmo tempo em que é satisfatório e importante, é algo difícil. “Temos vários problemas, mas o principal é que muitas vezes o movimento perde o foco, pois as pessoas se propõem a defender diversas causas além da LGBTT. Acho que unir o movimento a essas causas é importante também, o problema é que muitas vezes deixamos de lado a nossa própria causa para priorizar outras. Acho que temos que pensar em como equilibrar as coisas”. Outro problema é o fato de que há uma falta de diálogo entre os diversos movimentos. “Temos

muito em comum com o movimento feminista por exemplo, porque a homofobia, assim como o machismo é resultado da sociedade machista em que vivemos. No entanto, a aproximação dos movimentos ainda é pequena”.

Luís se mudou para São Paulo há três anos, “eu tinha amigos aqui e sabia que era uma cidade muito mais agitada, que tem muito mais a ver comigo e eu me adaptei muito melhor. Eu adoro ser de Campinas, mas gosto daqui”. Conheceu o seu namorado atual aqui também. O namoro já dura cerca de dois anos, e seu namorado, assim como ele, é engajado na causa LGBTT. “Participamos de atos e manifestações juntos, e até já saímos juntos em fotos nos jornais”, diz. Em São Paulo, Luís começou a fazer parte da Frente Paulista Contra a Homofobia (vide box). Ele participou da Marcha contra a Homofobia, em fevereiro, organizada por causa das agressões aos homossexuais na Paulista, e lá conheceu a Frente. Segundo ele, as agressões aos homossexuais não são novidade na nossa sociedade. “As agressões sempre existiram; diferença é que hoje, os homossexuais estão denunciando e dando visibilidade a estas agressões”.

Hoje, Luís é advogado formado, o que “ajuda muito na hora de militar”, mas por não gostar da profissão, trabalha com administração de imóveis. Continua lutando na Frente Paulista e também atua no Ato Anti Homofobia, que reúne diversos grupos e movimentos pela causa LGBTT, mas tem maior destaque na Internet, apóia e participa de protestos e movimentos, como o AcampaSampa e a marcha contra a prisão dos estudantes da USP. Ele pensa que ainda estamos longe de ter uma sociedade sexualmente tolerante. “Eu brinco que no dia que tivermos uma juíza negra e transexual no Supremo Tribunal, aí sim vamos ser um país que respeita as diferenças”.

“FOI ENGRAÇADO, PORQUE EM UM DETERMINADO MOMENTO, TODO MUNDO PAROU E SE BEIJOU. E NÃO ERAM SÓ HOMOSSEXUAIS, TINHAM CASAS HÉTÉROS TAMBÉM, ENTÃO FOI UM ‘BEIJAÇO DO AMOR’”  
(LUÍS ARRUDA)

Luís Arruda, militante da causa LGBTT



Anali Dupré

## Homofobia não!

A Frente Paulista contra a Homofobia é um movimento apartidário, que reúne pessoas autônomas e diversos movimentos independentes da causa LGBTT, que surgiu da indignação dos paulistas com os ataques homofóbicos na cidade, e foi iniciativa de três pessoas, principalmente: Beto de Jesus, ativista do movimento LGBT, o advogado Eduardo Piza e Irina Bacci, coordenadora do Centro de Referência de Diversidade. Foi um movimento que surgiu com a proposta de ser suprapartidário, mas que reunisse diferentes movimentos e coletivos, inclusive partidos, que apoiassem a causa LGBTT.

As reuniões não ocorrem em lugares fixos, podendo acontecer tanto no Parque do Ibirapuera quando no Centro Acadêmico da Faculdade Largo São Francisco. Não há uma hierarquia dentro do movimento ou uma gestão responsável, as decisões são tomadas em reuniões abertas e horizontais, por consenso.

No início, os fundadores organizaram as pautas de reunião, as manifestações e ações de conscientização. Hoje, há sempre um dirigente responsável por cada reunião, em um sistema de rotatividade. A organização da Frente é feita em 5 Grupos de Trabalho (GTs):

- GT institucional: responsável pela interação com partidos políticos, entidades do governo e da sociedade civil.
- GT de mapeamento: localiza as áreas onde há mais ataques a homossexuais.
- GT de vítimas: faz um banco de dados das vítimas de homofobia e dá suporte a elas.
- GT de mobilização: responsável pela organização de protestos e manifestações.
- GT de comunicação: faz a divulgação e imagem da Frente.

Este ano, a Frente apoiou a Marcha contra a Homofobia, organizada pelo grupo Ato Anti Homofobia, que aconteceu em fevereiro na av. Paulista, e a Marcha pelo Estado Laico, que aconteceu em agosto na Praça do Ciclista. O movimento também luta ativamente pela aprovação do PLC122, que criminaliza a homofobia, e pela aprovação kit anti homofobia.

## PLC 122

O Projeto de Lei da Câmara 122/06 visa criminalizar a homofobia através dos mesmos padrões da criminalização do racismo. Segundo o especialista em Direito Constitucional Paulo Roberto Iotti Vecchiatti, em artigo no site sobre o PL 122 (<http://www.plc122.com.br>), “O Projeto de Lei da Câmara n.º 122/06 visa criminalizar a discriminação motivada unicamente na orientação sexual ou na identidade de gênero da pessoa discriminada. Se aprovado, irá alterar a Lei de Racismo para incluir tais discriminações no conceito legal de racismo – que abrange, atualmente, a discriminação por cor de pele, etnia, origem nacional ou religião. A discriminação por orientação sexual é aquela cometida contra homossexuais, bissexuais ou heterossexuais, unicamente por conta de sua homossexualidade, bissexualidade ou heterossexualidade, respectivamente. A discriminação por identidade de gênero é aquela cometida contra transexuais e não-transexuais unicamente por conta de serem ou não transexuais (respectivamente). Discriminação e preconceito não se confundem. Enquanto o preconceito é um arbitrário juízo mental negativo, a discriminação o efetivo tratamento diferenciado de determinada pessoa por razões preconceituosas (arbitrárias). Assim, o PLC 122/06 punirá a discriminação, não o preconceito – lembrando, todavia, que ofender alguém por motivos preconceituosos implica discriminação contra a pessoa ofendida”.